

"Eu abro o jornal e sempre tem qualquer coisa sobre Newton Cruz." O general diz que lê cinco jornais por dia.

## O acusado Newton Cruz

Acuado, também ataca. E até joga peteca.

O jogo de peteca nos fins de semana e a leitura diária e atenta dos principais jornais e revistas do País, cada vez mais repletos de acusações relativas a seu envolvimento no seqüestro e morte do jornalista Alexandre von Baumgarten. Assim pode ser resumida, hoje, a vida do general-de-divisão Newton de Oliveira e Cruz, uma das personagens que mais vigorosamente simbolizaram o poder na velha República. Na reserva — "Fui expulso do Exército" —, vestindo um agasalho de ginástica verde-musgo, Newton Cruz recebeu o repórter de Afinal Fernando Barros para uma entrevista de mais de duas horas e, em vários momentos, em vez de sua vida de general aposentado, preferiu desviar a conversa para a condenação do atual governo, para a sua visão política do País e para o caso Baumgarten.

As vezes o general falava serenamente, até com certa candura, ao mencionar a família, a peteca ou os filmes de terror — "Adoro Drácula" — que gosta de ver. Mas distribuía vitupérios ao tratar dos esquerdistas no Governo ou ao responder a seus acusadores. Engordou alguns quilos, longe da caserna. Mas não perdeu o senso de organização, que se reflete na preparação de um texto especialmente para a primeira pergunta desta entrevista.

Afinal - Como é sua vida hoje, general?

**Cruz** — Vou ler esse texto que preparei. É para você ter uma idéia: "Sou um militar da reserva, para onde fui transferido, ex-officio, como conseqüência de uma decisão do Alto

Comando, adotada no dia 27 de março de 1985, a primeira da Nova República. Exerceu o Alto Comando um direito legal. Para mim, entretanto, ele foi injusto. Dos que participaram do governo anterior, em relação à Nova República, há três tipos de pessoas: os que aderiram, os que não foram convocados a participar do atual governo e um único cujo afastamento teve o aspecto de expulso pela Nova República. Por ela, de certa forma, cassado. Eu próprio. A Nova República, para mim, tem sido um regime de indefinições, perseguições, demagogia e de marcha batida para a esquerdização do País. Espero que ela reencontre novos rumos. Tal modificação deverá ser feita por via legal — democraticamente. Empenho-me nessa direção. Como? Falando ou escrevendo para defender as minhas idéias e para defender-me dos ataques, os mais sórdidos, que tenho sofrido. Preparo-me para uma participação ativa na vida política do País, se possível como integrante da Assembléia Constituinte. Atualmente, leio, estudo, escrevo e falo. Tenho mais tempo para a convivência familiar. Na minha família, unida, solidária e cristã, tenho encontrado forças, morais sobretudo, para sobreviver aos golpes. Acredito no futuro do Brasil, diferente daquele indicado pela Nova República e que será legalmente e democraticamente conquistado. O povo não é cego. Além de falar, ler, estudar e escrever, jogo peteca aos sábados e domingos, com uns poucos amigos e parentes, em número muito menor que antigamente. Nem sequer tenho praticado equitação ultimamente. Por estranho que pareça, faltam-me tempo e disposição. Não trabalho para ninguém. Nem jamais virei a trabalhar. Vivo com o que o Exército me paga. Para os curiosos, atualmente cerca de 17 milhões de cruzeiros. Bem

▶ mais do que receberia se estivesse na ativa. Sem, entretanto, algumas das vantagens indiretas que a atividade concede. Tenho um pequeno apartamento no Rio de Janeiro, que adquiri, há 12 anos, pelo Sistema Financeiro de Habitação. Já está pago, graças a Deus. Juntei algum dinheiro na poupânça para fazer obras nesse apartamento e trocar-lhe os móveis, ao transferirme para a reserva. É o que vou fazer em curto prazo, logo que, definitivamente, venha a mudar-me para o Rio de Janeiro. É tudo o que tenho. É o bastante para mim. Saio de casa, uma vez ou outra, para visitar um amigo ou para satisfazer algum compromisso excepcionalmente assumido. Poucos amigos visitam-me. Uma ou outra vez. Mais tarde, viverei na rua, junto do povo, se a tanto me conduzirem meus propósitos políticos".

Quando o senhor tomou a decisão de não trabalhar no setor privado?

Essa decisão é antiga. Depois de ter chegado ao ponto em que cheguei no Exército, entendi que meu futuro deveria estar eternamente ligado à vida militar. E que não alugaria meus serviços a mais ninguém, mesmo na reserva.

Por quê?

Cada um toma o destino que lhe apetece. A lei não proíbe os militares da reserva de trabalhar. Eu, por minha formação, jamais admiti que viesse a trabalhar. O que ganho dá para viver. Tenho medo de ser procurado não propriamente pelo presumível valor que tivesse, mas para ocupar um papel em função dos cargos que houvesse desempenhado. Mas este é um enfoque pessoal.

E a decisão de entrar na política? Veio como consequência da reunião do Alto Comando no dia 27 de março?

Eu fui surpreendido pelo resultado dessa reunião. Não esperava, absolutamente, porque tenho consciência do meu valor militar. Entendia que todos os que

participavam do Alto Comando eram meus amigos pessoais. Todos. Não tive a menor indicação do que aconteceria. E ninguém me falou sobre o que se passou. Fui militar de 44 anos de serviço, com to-

das as promoções por merecimento. Tive 29 movimentações (deslocamentos de uma unidade militar para outra), todas por necessidade de serviço. Tenho duas dezenas de condecorações. Quase uma centena de referências elogiosas. Quando saí do Comando Militar do Planalto — quando constou que saía em função de uma punição —, o ministro me fez um elogio que honra qualquer chefe militar. Meus comandados ergueram, espontaneamente, um "hip hurra".

Ainda assim, o Alto Comando decidiu unanimemente pela sua saída.

Não sei se houve unanimidade. É o que consta. É uma questão a ser levada ao Alto Comando.

Foi uma punição política?

Por quê? O que havia contra mim? Um general me escreveu dizendo que, provavelmente, os generais-de-exército, integrantes do Alto Comando, resolveram me afastar para preservar o Exército posteriormente. O sentido seria o de preservar o Exército como um todo.

Por quê?

Todo mundo está vendo o que está acontecendo comigo agora. Caso Baumgarten, por exemplo. É possível que aconteces-

se isso mesmo com a minha permanência no Exército. Comigo de fora, os problemas parecem — parecem — não atingir o Exército. Este, aliás, produziu um informe, a meu favor, quando executei as medidas de emergência (em abril e em novembro do ano passado). No entanto, ninguém pode desconhecer que, perante a opinião pública, eu passei a ser o grande carrasco desta República. Todo mundo sabe que eu estaria preparando um golpe e que o doutor Tancredo Neves teria se tranqüilizado com minha saída do Comando Militar do Planalto. Eu desmenti, mas meu desmentido não vale nada. Tenho um livro aqui, O Complô que Elegeu Tancredo, que fala no golpe. É absurdo. Está aqui meu retrato, fardado (folheando o livro, voz exaltada). Como iria dar um golpe sozinho? Saí do CMP, não houve golpe algum, nunca apareceu uma pessoa sequer que estivesse envolvida nesse pretenso golpe. Golpe sem golpistas? Quando o senhor saiu do Comando do Planalto, viajou pa-

Quando o senhor saiu do Comando do Planalto, viajou para o Rio, ia morar no Rio. Mas acabou fixando-se em Brasília. Essa mudança de planos...

A idéia era ir para o Rio e fazer o que estou fazendo a partir do Rio. Mas, houve um problema familiar. Minha filha Vânia Lúcia e meu genro moravam comigo. Ela é a mais nova. Te-

moravam comigo. Ela é a mais nova. Tenho também o Cláudio Roberto, que é engenheiro e está em Manaus, na Mendes Júnior. Tenho também o Luís Renato e o Sérgio Luís, que são administradores. Mas a Vânia e o genro compraram uma casinha, alugaram esta e pediram que eu continuasse com eles. E eu, de anfitrião, passei a hóspede. Assim fico até janeiro, quando mudo para o Rio.

Seu apartamento carioca fica onde? Em Ipanema, na Visconde de Pirajá. Foi difícil pagar?

Não. Isto foi há 12 anos. Comprei depois de ter servido na Bolívia, como adido militar. Eu trouxe uma reserva, naquela ocasião, cerca de 100.000 cruzeiros, que dei como entrada para o apartamento.

E a sua rotina, general?

Comecei a ler e a estudar. A Constituição, já li e reli.

Que mais o senhor lê? Jornal, uns cinco por dia.

Que notícias lhe interessam mais?

Agora tem: tudo o que dizem a meu respeito.

Qual o título do último livro que o senhor leu?

Está lá em cima, ainda não terminei... mas não me lembro o nome. Tenho a Bíblia também, na cabeceira.

O senhor é católico de ir à missa todos os domingos? Não.

E a senhora, vai? (Para dona Lenir, a esposa, que acompanhou a entrevista.)

**Dona Lenir** — Eu ia, mas com esse negócio de peteca sempre tem muita gente aqui.

**Cruz** — Não vem muita gente não. Vem meu irmão, meu sobrinho e mais três ou quatro pessoas. A gente começa às 11h30 e vai até as 2 da tarde. Meu lazer agora é este. Amanhã (7 de Setembro), não sei como vai ser porque vai passar o futebol na televisão (final de juniores, Brasil x Espanha, Brasil bicampeão).

Tem também a parada militar.

À parada não vou assistir.

Por que não?

RNão há um depoimento

que seja real nesse

caso (Baumgarten)

**General Newton Cruz** 

Não vou porque infelizmente ainda estou muito ferido. No ano passado quem comandou esta parada fui eu. Ainda não »

▶dá. Vai ter que passar um tempo.

E a sua estratégia de político?

Você vai ficar decepcionado, mas não tem estratégia alguma.

Mas um candidato precisa levar sua mensagem aos eleitores.

Nesse particular, acredito que pouca gente está tendo tanta cobertura na imprensa quanto eu.

Seu nome de fato está em evidência. Bem ou mal, mas está. É, mal ou bem. Estou acompanhando esses depoimentos (sobre o caso Baumgarten) e não há um só que seja real. Eu abro o jornal e sempre tem qualquer coisa sobre Newton Cruz.

Existem pessoas que se entusiasmam com suas posições?

Ah, tem! Quando fui a Manaus, agora, passei dez dias em combate na linha de frente. Fui comemorar o aniversário de um neto e fiquei dez dias porque esse período dá direito a passagem um pouco mais barata. No dia seguinte à minha chegada, eu era manchete de jornal: "Newton Cruz em Manaus, complô militar no Amazonas". Isso é coisa do "Fábio Lunático" (referência ao senador amazonense Fábio Lucena, do PMDB). Eu passei dez dias indo à televisão e escrevendo cartas para jornal, desmentindo tudo. E fica tudo por isso mesmo. Ninguém apura nada.

Em suas declarações, o senhor condena a esquerdização do Brasil. Concretamente, o que é essa esquerdização?

É só pegar o Ministério da Justiça e ver quem está lá. Alguma dúvida de que o procurador geral da República (José Paulo Sepúlveda Pertence) seja esquerdista? Veja o que ele fala sobre Baumgarten (pega uma edição recente do Correio Brasiliense): "Creio que sobre este caso já se apurou o mais sério, a distorção do aparelho de informação do regime passado, com o SNI usado como gazua para promover e financiar uma empresa jornalística". Isto não é problema dele. Ele não tem nada com isso. Ele não está preocupado com a apuração da morte do jornalista (em voz alta). Nas medidas de emergência, eu indiciei o atual procurador geral, em função do discurso que ele fez na sede da OAB, em Brasília. E indiciei na forma da lei que ainda está valendo. Ele estava violando a lei.

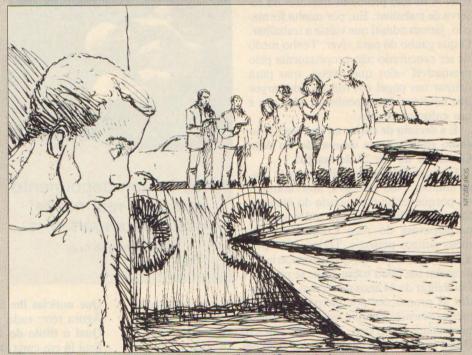
Mas este não chega a ser exemplo concreto de esquerdizacão. Haveria outro?

Mas, meu Deus! E esse problema da reforma agrária? Não sou contra a reforma agrária. Mas quando a preocupação foi fazer um Ministério da Reforma Agrária... tinha que ser um Ministériode Política Agrária.Ou, aliás, o próprio Ministério

## Pena mínima: 36 anos de prisão. (É a ameaça.)

Às 3 horas da tarde de terça-feira, 24, a Avenida Gomes Freire, no centro antigo do Rio de Janeiro, sempre com seus inferninhos povoados de malandros, terá um movimento diferente. Em frente do prédio da Secretaria Estadual de Polícia Civil, um batalhão de repórteres, fotógrafos e cinegrafistas estará atento para registrar a chegada do general da reserva Newton Araújo de Oliveira e Cruz, exchefe da agência central do Serviço Nacional de Informações, ex-comandante militar do Planalto e o feroz executor das medidas de emergência em Brasília durante a votação da emenda pelas eleições diretas. O motivo da visita: Cruz prestará um novo depoimento ao delegado Ivan Vasques, que preside o inquérito sobre a morte do jornalista Alexandre von Baumgarten. Horas depois, ao deixar o prédio, ele já terá sido interrogado, qualificado e identificado através de fotografias de frente e de perfil e de suas impressões digitais — num acontecimento inédito em toda a História do Brasil: jamais um general do Exército brasileiro passou por isso. Cruz foi indiciado na segunda-feira, 16, acusado de co-autoria no assassinato de Baumgarten, de sua mulher Jeanette Hansen e do barqueiro Manoel Valente Pires.

O delegado Ivan Vasques, que assumiu as investigações após a reabertura do caso, há quatro meses, decidiu indiciar New-



Escondido, o bailarino Polila assiste ao sequestro (Cruz estaria no carro).

ton Cruz por triplo homicídio com base no depoimento do bailarino Cláudio Werner Polila — até agora a única testemunha do seqüestro praticado na madrugada do dia 13 de outubro de 1982, no cais da Praça XV, no Rio — e no dossiê deixado por Baumgarten, no qual o jornalista acusa antecipadamente o general de ter determinado a sua morte. Baumgarten, que mantinha ligações com o SNI na época em que dirigia a revista O Cruzeiro, apareceu morto e com buracos de bala no dia 25 de outubro de 1982, numa praia carioca.

Os assassinos, segundo Ivan Vasques,

seriam o sargento Evilásio Ribeiro, os PMs Miguel Pereira da Silva, Antônio Wilson Clemente e Paulo Reynaldo de Carvalho Leite, e o detetive José Augusto Neves, o "Cavalaria", todos pertencentes à polícia carioca. Eles teriam sido os executores — há muitos outros personagens envolvidos — de um crime tramado a partir do gabinete do então chefe da agência central do SNI.

"Eu já poderia ter indiciado o general desde agosto, quando houve a reconstituição do seqüestro, na Praça XV. Só não o fiz por escrúpulos", anunciou o delegado Vasques. Os escrúpulos a que se re-

▶ da Agricultura poderia cuidar disso.

Mas, onde está a ação esquerdizante?

Está na idéia, em si. O fundamental é o respeito à propriedade privada, que deve ter destinação social.

Onde mais o senhor vê esquerdização no Governo?

(Rindo) Mas, é moda ser esquerdista. O bandido é quem é de direita. E direita é ditadura... Mas, isto não existe. O que havia antigamente era o fascismo. Mas isto não existe mais. De fora para dentro do País não existe movimento de direita.

E dentro do País? Existe?

Eu fico em dúvida, pelo que falam de mim. Não dizem aí que sou "o maior representante da direita"? E eu sou ligado a algum grupo? É tudo balela. Não tem esse Nery (o jornalista e deputado Sebastião Nery) que diz que eu sou um filme de terror? Pois eu digo que ele é um filme de mau caráter.

No texto que o senhor leu, começando a entrevista, o senhor diz que nem equitação tem feito mais.

Vou dizer com toda a franqueza. O cavalo que tenho, que me foi presenteado pelo presidente João Figueiredo, está no Regimento de Cavalaria. Quando vou lá, eles me recebem muito bem...

...o senhor vai muito lá?

Ia. Mas me sinto um pouco constrangido. Já tem uns dois meses que não vou. O *Amir (nome do cavalo)* já me deu grandes alegrias.

Quanto tempo o senhor costuma passar nesta sala? (subsolo da casa da filha)

Às vezes passo o dia inteiro. E minha mulher me ajuda muito.

Dona Lenir (recortando jornais com notícias sobre o marido) — Eu recorto desde o caso Baumgarten, em janeiro de 1983.

Quantas pastas a senhora já tem?

Umas sete pastas. Graças a mim, agora ele tem tudo à disposição.

Os senhores têm aqui, também, uma bela coleção de uísque. (Mais de uma centena de garrafas diferentes, escocesas.)

A coleção é da Lenir. Eu tenho até raiva quando me dão uma garrafa para a coleção, porque aí não posso tomar nem uma dose. Praticamente todas elas garrafas me foram presenteadas.

Normalmente, o senhor não sai nem para um restaurante? Eu não saio de casa. Ainda assim dizem que estou articulando. Imagine se saísse...

fere o policial eram as dúvidas sobre o reconhecimento de Newton Cruz feito pelo bailarino Polila. O delegado temia que Polila tivesse sido influenciado pelo noticiário que mostrava o general na TV. Aparentemente, suas dúvidas terminaram quando ficou pronto o levantamento sobre o tempo das aparições do general no vídeo, no período entre o sequestro de Baumgarten, no dia 13 de outubro de 1982, e o depoimento de Polila, no dia 4 de junho deste ano. Nesse período, Newton Cruz apareceu 27 vezes nos telejornais, totalizando 39 minutos e 40 segundos — destes, 21 minutos não podiam ter sido vistos pelo bailarino, que viajava na época pelo Paraguai e Argentina.

"No começo imaginei que Polila estivesse influenciado subjetivamente ao reconhecer o general na Praça XV. Depois da pesquisa, estou convencido do contrário. Newton Cruz não era pessoa notória para Polila: ele só o reconheceu quando o general veio depor no caso Baumgarten", explicou Vasques.

A decisão do delegado de indiciar o general surpreendeu o advogado de Newton Cruz, Clóvis Sahione, que procurou abalar ainda mais as ainda frágeis provas de Vasques. "Não existe nenhum indício da participação do general, a não ser o depoimento do senhor Polila, uma testemunha fantasiosa e sem credibilidade. O delegado não poderia tê-lo indiciado simplesmente com base em uma pesquisa sobre as aparições do general na TV", alegou o advogado.

Mas não foi apenas Clóvis Sahione que não gostou do indiciamento de Newton Cruz. Desde que anunciou a medida, Ivan Vasques e sua família têm recebido cons-



O delegado Vasques: provas suficientes.

tantes ameaças por telefone. "Coincidentemente ou não, essas ameaças se intensificaram em número e agressividade após eu ter anunciado a minha decisão", avaliou o delegado. Precavido, Vasques requisitou à Secretaria de Polícia Civil três espingardas calibre 12, armamento pesado que passou a ser usado pelos policiais que agora protegem a ele e a sua família. A julgar pelos últimos acontecimentos, também a principal testemunha do seqüestro que antecedeu o assassinato terá de ser protegida com mais cuidado.

O bailarino Cláudio Werner Polila, que garante ter visto os sequestradores agindo no cais da Praça XV — entre eles o próprio general Newton Cruz -, pôde sentir mais uma vez que há gente influente interessada em que o caso não chegue ao fim. Na quarta-feira, 18, Polila foi até o Hospital da Aeronáutica — ele é pensionista - para tratar de uma úlcera. A noite, sem saber como fora levado até lá, acordou na Clínica de Repouso Corcovado, em Jacarepaguá. "Demoraram a me atender no Hospital da Aeronáutica; reclamei que estava com dores e um médico me disse que aplicaria uma injeção boa para úlcera. E aí eu apaguei. Quando acordei estava na clínica", explicou Polila ao delegado Vasques. Em contato com a direção da clínica, o policial soube que a transferência foi feita a pedido do hospital militar, para que o paciente passasse por uma avaliação psiquiátrica. Na mesma noite de quarta-feira policiais retiraram o bailarino da clínica, que poderá ser processada, segundo Vasques, por manter o paciente ali contra sua vontade.

Embora Ivan Vasques deva continuar buscando novas provas contra os outros implicados no assassinato, o inquérito está praticamente encerrado no que se refere à participação de Newton Cruz. Cabe agora ao general apresentar as suas provas de que estava em Brasília, e não no Rio, nos dias 11, 12 e 13 de outubro de 1982, período em que foi tramado e executado o sequestro de Baumgarten. "Nós temos uma relação de pelo menos 15 pessoas que poderão atestar e provar a presença do general em Brasília nesses três dias", garante o advogado Clóvis Sahione. Todos os relacionados como testemunhas são militares, a maioria ligada ao SNI, e, depois de confrontar seus depoimentos com as peças do inquérito, o promotor Murilo Bernardes Miguel terá três opções: apresentar imediatamente demincia contra Newton Cruz, pedir investigações complementares ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Depois o inquérito chegará ao 1.º Tribunal do Júri, quando todos os envolvidos serão novamente ouvidos e o juiz decidirá se pronuncia ou não o general. Se chegar a julgamento e for condenado, Newton Cruz estará sujeito a uma pena mínima de 36 anos de prisão.